



PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Almirante Duque de Pick-Nick e Conde da Floresta Negra

Publica-se nos dias 1 e 15.—As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 15 DE JANEIRO DE 1868

N. 11.

Rio, 15 de Janeiro de 1868.

Achando-se doente o nosso digno consocio Marechal de Caricat, caricaturista do X, prestou-se-nos um amigo a fazer a caricatura do presente numero.

Por este obsequio manifestamos-lhe aqui os nossos agradecimentos.

AOS NOSSOS caros LEITORES.

(CAMBIO 17 3/4).

Achando-nos, *quer physicamente quer moralmente* fallando, sem fundos intellectuaes, não podemos desta vez apresentar o costumado artigo de fundo;— (salvo se aceitarem este como tal), o querido pão nosso politico do *Mercantil*.

Achamo-nos de tal fórma indignados com a maneira de proceder da redacção do *Jornal do Commercio*, que mal nos obedece a penna ao traçarmos estas linhas.

Vejam os caros leitores senão temos razão; e não é só uma, temos tres:

O attentado de Monetta ou a tragedia de um lado;— a reclamação no *apedido* do *Jornal*, do Sr. Barreto Bastos ou a comedia do outro lado;— a nota da redacção ou a scena comica no centro.

O facto que constitue a primeira, é simples. Não passa de uma reproducção ao vivo das producções de Shakespeare.

A segunda, é um peccado ou digamos melhor —*Os sete peccados*.

A terceira, é um crime.

Manchar com a lama do ridiculo a frontelaureada e augusta do eximio poeta, que para ser o nosso Milton, só lhe falta a cegueira, é demais!

Será sério?

Não o cremos.

Um dia, quando a geração presente tiver evacuado o orbe e juntamente com ella o insigne poeta; como todos os grandes talentos, a critica ha de eleva-lo á altura que merece. Mas o critico para as suas obras ainda não nasceu, como o juiz de Monetta, nem como o critico da nota do *Jornal*.

Hade vir mais tarde.

Se nos fosse permitido dar-lhe um conselho que aproxime a sua celebrisação, diriamos:

Morra Sr. Barreto Bastos, que vai direitinho ao Parnaso.

Allah X.

GALERIA DOS HOMENS ILLUSTRES.

Diogenes.

TRAÇOS ZOOGRAPHICOS.

Todas as grandes capitaes teem o seu lado sério e o seu lado ridiculo, todas teem a sua *especialidade* de *typos*, cuja originalidade nenhum povo póde disputar a outro povo.

Em Londres ha o policeman, em Florença o ciceroni, em Pariz os *Sergent de ville*, em Baden-Baden os jogadores, em Lisboa os gaiatos e os fadistas e no Rio de Janeiro os.... philosophos.

Não pensem que é amesquinhar o vulto moral do grande philosopho da antiguidade, trazel-o para o nosso seculo, sob as fórmas *materiaes* de um Castro, que por não poder ser o *fôrte*, designaram-n'o o *urso*.

Quem foi, porém, que o qualificou? Com que dados e com que *authoridade*? Cuvier ou Humboldt seriam os unicos capazes de o fazer. Vassado em fórmas desconhecidas aos sacerdotes da sciencia zoologica, o nosso Diogenes chegou a

produzir uma revolução séria na historia natural.

Na magnifica collecção dos ursos entrou mais outro *urso*!

Desde creança o Castro mostrou grande vocação pela escola philosophica de Diogenes.

Neste infinito tunel, cujas aduellas são as nuvens, dormia elle sempre como o mais feliz dos mortaes. De dia vagava pelas ruas e botequins, seguindo, quando não exagerava as mais das vezes, os preceitos do mestre.

Foi crescendo assim, ao mesmo tempo que se agigantava aquella cabeça ponte-aguda em fórma de *Pão de assucar*.

Um dia, recentemente, o Castro encontrou alguém com o mesmo nome. Fez-lhe impressão a cousa, e assentou logo em chamar-se d'ahi em diante Castro *lontra*.

Mudou o nome, mas não mudaram os instinctos e a sua indómitta dedicação pelas doutrinas de Diogenes.

Rôto e esfarrapado, foi elle encontrado uma noite á porta do Gymnasio por um outro philopho, mas de escola opposta, que lhe disse com desprezo: « *Lontra*, através dos buracos do teu chapéo e dos teus andrajos, vejo o orgulho e a vaidade que te vai n'alma. »

O Castro *embatucou*, e não respondeu. Virou depois as costas ao seu rival e foi offerecer um bilhete da loteria a um espectador.

Tinha perdido terreno inquestionavelmente diante de um tal adversario!

Mas, vejam mais tarde como elle se sae.

O humanitario philosopho, que só falla quando os vegetaes o estimulam a fallar, ao entrar em casa, esbarra com o nosso heróe, que conversava com um mendigo.

Penalisado de o ver sujo e porco pergunta-lhe elle:

— Que queres, que precisas de mim collega?

— Eu quero, eu preciso, atalhou logo Diogenes, que me não tires o que me não podes dar.

— O que é que eu te tiro e te não posso dar?

— Os conselhos de um homem de juizo, que o tem este amigo meu e o não tens tu?

A réplica foi brilhante, e o Castro ganhou novos creditos e nova fama.

Dizem as linguas depravadas que Diogenes, a maior parte do tempo divertia-se a fazer syllogismos que vendia aos habitantes de Athenas.

N'isto se parece ainda com elle o Castro, porque vende bilhetes da loteria.

Ora, um syllogismo póde muito bem, sem escandalo, dar o braço a um bilhete da loteria.

Não passam por isso mesmo de dois enigmas indecifráveis.

Como acontece a tudo quanto é humano, o Castro parece estar já no seu periodo de decadencia.

E' natural.

Os *discipulos* já o não seguem. Vai acontecer-lhe o mesmo que ao Diogenes da Grecia, segundo o que a respeito d'elle escreveu um escriptor moderno:

« A abnegação dos *cynicos* bem se deixou ver em Diogenes, que, levando as maximas do seu mestre até ao delirio e impudencia, desacreditou a escola. »

Salva-te *Lontra* se ainda podes?!

ALMIRANTE DUQUE DE PICK-NICK.

UM BEIJO Á FORÇA TAMBEM É GOSTOSO.

I.

Declaramos para nossa salvaguarda, que esta historietta é o resultado litterario, permittam-me a expressão, de uma medida perservativa contra a epidemia, que, ha mezes, grassou pela Córte.

II.

Foi uma noite de verão de que tenho ainda saudades, oh, se as tenho! Foi uma noite toda de amores e de encantos.

Nunca em lar domestico se manifestára a um estranho, tão franca e tão sincera amizade como naquella occasião!

Eram corações que se expandiam com toda a bondade de que póde ser dotado um coração! Eram almas que simultaneamente se enlevavam n'uma expansão santificada.

Eu era o estranho; e os labios que a cada momento se entreabriam para soltar uma phrase que dizia um poema infindo de amores; e os labios que de quando em vez se moviam para dar passagem a um suspiro que ia infundir-se no imo d'alma; e os labios que depois inquietos se sorriam — com o sorriso angelico das fadas, com o sorriso encantador dos anjos —; os labios onde finalmente eu queria depôr um beijo offegante e calido como a expressão symbolica da ardencia do amor que principiava a nascer em mim, eram os labios de Clelia.

Contive-me e não me atirei a seus braços... nem sei porque! Contudo mesmo de longe, fazendo um biquinho com a boca, pedi-lhe o beijo que tanto ansiava. Ella coitada desviou o olhar, e enrubeceram-se-lhe as faces.

Mas o meu desejo era cada vez mais vehemente. Oh! um beijo nos labios que me encantavam era já a realisação de um ideal, era um mytho de minha adoração!

E na verdade, um beijo na mulher que se ama, é o calice do nectar mais puro e mais dôce e que se bebe de um só trago!

E' a scintilla que vivifica e reanima a chamma que o tempo e a indifferença possam ter esfriado.

E' a petala da mimosa florinha, que se suga sem se encontrar o amargo.

Commovido, eu baixára o olhar, e levantando-o d'ahi a pouco, achei no lar ha bocadinho tão povoado, só a candida e singela Clelia.

Tive impetos de beijal-a furtivamente e pedir-lhe depois perdão; mas este delicto podia ser-me fatal, e assim, com toda a ingenuidade de que eu era capaz, pedi-lhe um beijo.

E ella negou-m'o!

Que tentação horrivel! que desespero inquieto! Não pude d'esta vez esquivar-me, lancei-me a seus pés e beijei-a repetidas vezes.

A coitadinha ergueu-se irada e foi queixar-se a vóvó que eu a beijára á força.

Agora a vereis.

A boa da velha, typo burlesco que me havia provocado o riso, irritada como uma vibora, com os olhos sobre a testa, mordendo o tradicional e tabaquento lenço, apressou-se a vir exprobrar-me a inconveniencia que eu praticára, e depois de um discurso capaz de moralisar o mais desenfreado constantinopolitano, censurou acremente o máu gosto de que eu dera prova, fazendo-me ver que um beijo não tem sabor, sem que haja desejo reciproco.

Ouvi-a com a mais fingida attenção; mas estalando uma gargalhada homérica, repeti á velha o titulo da historietta: perdão minha senhora,— um beijo á força tambem é gostoso.—

D. Rufina não quiz compenetrar-se da veracidade do meu dito e foi incansavel em querer convencer-me que eu estava em erro.

Tudo foi porém debalde, porque uma hora depois, como não tivesse ainda passado em julgado a discussão do sabor dos beijos, despedi-me saudoso de D. Rufina e de Clelia, repetindo ao ouvido da velha—desengane-se minha senhora que um beijo á força tambem é gostoso.—

VICE-CONSUL DOS PAIZES-BAIXOS.

ZIG-ZAG.

Não me conhece o leitor? E' muito natural.

Por isso mesmo é que eu vos apresento os meus cumprimentos, abrindo logo caminho com o dito espirituoso do Vasques: « Lá vai obra. »

A maior novidade actualmente é a cabeça que falla. E' uma magica muito perfeita em illusão.

Estou com desejos de experimentar no carnaval se serei capaz de fazer uma cabeça de gato, collocada sobre o meu capacete de *chicard*, para ver se mia no furor de um *can-can* carnavalesco sem ser preciso dar-se-lhe com um *gato morto*.

A respeito de theatros, pouco ou nada tenho a dizer; pois que a minha caseira não consente que eu os visite, obrigando-me a estar sempre ao seu lado a.... limpar-lhe o avental.

O *Gymnasio* assusta a quem lá vai, porque só dá *Forca por forca*.

Ainda não vi a peça, por isso não sei se será peça como o *Opio* e o *Champague*, verdadeira peça para fazer adormecer os que não tem somno.

O *Alcazar* apresentou ao publico *Les mystère de l'été* e como não agradasse dá representações do 3.º e 4.º actos tão sómente, mas prepara-se com sumptuosidade para receber *La grande duchesse de Gerolstein* e todo o seu apparatuso sequito. Valha-nos isso, pois que já estamos aborrecidos de vermos quasi todos os domingos entrar pela porta do *Alcazar* o *Orphée* e aos sabbados o *Barbe-bleue*.

Ouf!... estou cansado.

O theatro do *Commercio* vai menos mal. Tem innumerados assignantes de cadeiras, se é que não falha o pomposo titulo de *assignante* por lá gravado em chapas na 1.ª linha quasi inteira (!)

O *Lyrice*, terminadas as representações do *Judeu Errante* fez-se notavel com os *Milagres de Santo Antonio*, que apesar de tão milagroso não livrou a empreza de tropeçar nelle, como tropeçou no *Judeu Errante*.

O *Theatro de S. Pedro de Alcantara*... vispora! gritou o meu companheiro da direita que assiste á redacção deste *Zig-zag*.

Safa! Que estrada tortuosa e escorregadia!

Na verdade é mais difficil empunhar uma penna do *Scully* para dar novidades frescas ás moças bonitas, do que empunhar um porta-voz ou corneta carnavalesca para chamar ao grande concilio os faliões do Deus *Mômo*.

Se alguma febre de *preguiça* me atacar, ou subir o thermometro do meu entusiasmo carnavalesco, não me apanham outra vez no proximo numero neste maldito *Zig-zag*.

MARQUEZ DA ARVRE DA SCIENCIA.

Serei sceptico?

(NO ALBUM DE UMA SENHORA.)

A passos lentos, caminhando incerto,
Neste deserto de descrença e dôr,
Ai! vi bem cedo me fugir a creença,
A luz intensa d'um ardente amor!

Feliz do naufrago, que, ao vêr um porto,
Acha conforto, tendo fé nos céos!
Feliz aquelle que do berço á morte
Não teve a sorte de descrever de Deus!

Viver em trévas sem o sol da esp'rança....
Ter por herança enganador porvir....
Eis quanto coube ao que em sentido pranto
Do peito um canto deixa aqui ouvir.

ALMIRANTE DUQUE DE PICK-NICK.

(Setembro de 1863.)

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.

GALERIA DOS HOMENS ILLUSTRES



DIOGENES
(Raridade Zoologica)